



O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 298

Domingo 19 | Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta | SERIE
| Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros | 65.

O MEIRINHO.

Fortaleza, 19 de Agosto de 1883.

A demissão de Alfredo Pedreira.

Mais uma negra pedra lançada ao edificio da alimmaria e bulhenta ignorancia!

Ao lado sublime, gracioso da paz, ao imponente patel da resignação, quando, benditozamente, mira-se o esfolhear destas deliciosas virações — prazer e contentamento, surge, sempre, como que envolto em os mantos ou cobertores da maldade e da injustiça, o estulto bolho do desespero — vêrme malevo vomitado pela (espantalhosa garganta do escandalo e da vergonha.)

É-n-a forçoço repellir os entes, que, entre os homeus, se acobertam as roupagens leaes da verdade e da justiça, quando ao profundo de m'alma sentem espregalçar-se o córvo hybrido da maldade — immenso e augurio terror dos seus co-rationaes.

Maldições eternas sobre aquelles que o bem dezejam ao selo de seolar, embora que este velozmente fuja dos portaes da caravana do pobre, lugar esto onde vela conscienciozamente a honra, que espantada passa ao fronte-espicio do palacio, doudelante do olór asque-rozo da facinerosa calva do magistrado, que mercadeija a dignidade, empres-tando os sentimentos.

Faz-nos isso ferir, ao ser-mos os es-pectadores da irrizoria scena, que, ultimamente, teve lugar no theatro do ridiculo, n'esta capital: — a demissão do Sr. Alfredo Pedreira.

Foi injusto, vergonhozamente injusto, o illustre magistrado da Policia: Ainda que dezeje este lançar sobre o pobre moço algumas de suas sempre promptas calumnias, fogir-lh'o-ha a aprovação da Família Cearense; visto como é esta a testemunha dos actos re-

pugnantes que ha dezenrolado, prezente-mente, n'esta capital, o retro Ba-charel.

Vergonha! Immoralidade!

Mutação na consciencia!

Tremendo escorrego no comprimento de dever!

Rouba-se, sem justo motivo, o pão de um honrado pai de familia, afim de dar a outro, um afeiçoado, parente, sobrinho ou melhor alcôfa de um serio cocheiro do Governo.

É triste! feio! noventa e inqualifica-vel!!!

O illustre Chefe, muito bem ha espo-reado a lei do paiz, e o necessario é que d'esta desmonte-se, por algum instan-te, afim de que não seja a vergonha das outras provincias, o famoso astro, que, enlaçado aos risos da Liberdade, espalha as suas luzentes lagrimas ao im-menso coração do Brazil — o Ceará.

Defict rebus!

Está negramente olvidado o desfran-dado procedimento do destinto Chefe.

« Nas peletjas do direito,

« O ferro que vara o peito

« Não encontra ao coração. »

Havemos de prezenciar, rezivelmen-te, o resultado da barbaria.

LITTERATURA.

MOTTE.

(A TROSAC.)

Li os teos versos, poeta.
Cada qual dá o que tem.

GLOZA.

A lua tocava a meta
Do seo sublime esplendor
Quando eu cheio de amor
— Si os teos versos, poeta.
Fiquel quasi que pateta

*A Bibliotheca Humminense
Recd do Ouvidor. N.º 62*

Rio de Janeiro

De vêr-te rhyman tão bem!
Fazer versos quiz também
Para em troca te offerecer;
Mas, ah! não pude fazer!..
— Cada um dá o que tem.

Fortaleza, 17 — 83.

Laffite.

ALBUM DA CRÍTICA.

Leitores e leitoras do *Meirinho*! —
Salve!..

Que suas Exc.^{as} passem muito bem é
quanto eu folgo em saber, porque só pas-
sa bem quem goza saúde e tem sua pa-
taca boa no fundo. . . da mala.
Ora, muito bem.

Do alto d'esta imprensa,
(Com licença do *Metão*)
Ven hoje pintar o sete.
A saracura e Simão.

De pé espalhado.

Anda muita gente damnada com o *Mei-
rinho* e commigê.

Que se aradejem, pois eu estou arra-
jado.

Não ao, o ella a nenhum catholico que
vira a fazer asneira, porque uma vez feiti-
o por mim, prezenciada — está no *Meiri-
nho*, e á pé de gallo.

O programma do *Meirinho*
A muito cauze um abalo:

— É comer coiro — bonito

De com força... á pé de gallo! —

Reappareceram as taes de — rifas!

E, ha aqui certa gente que parece vi-
ver exclusivamente desto genero de espe-
culação vantojoza.

Está dito!

Fazem uma colcha de *crochet*, mel-
tem a na rifa uma, duas, trez e mais
vezes, e quando chega alguém a titel a —
tem o desprazer de vel a, mas por um
oculo.

E d'esta maneira fazem na tal colcha
magica a bagatella de um conto e mais de
réis!

É muita especulação!

Cuidado, charos leitores,
Com as rifas dos peccados,
Porque no final das contas

Vocês são quem são *rifados*.

§

A dias circulou um boato de que, o
Manivão havia sido nomeado para juiz de
direito de Jaguaribe meirim; mas até ago-
ra a couza não passou de boato.

Se isso vinher a realisar se, desde já
dou os meus pezaumes aos Jaguaribanos,
pelo presente que lhes fez o Governo Im-
perial.

O tal *Manivão* é um *typo* que tem tudo
ruim com sigo, pois é até *capitão de
campo*.

Vae te embora, *Manivão*,
Volta á tua Parahyba,
Vae vêr se mestre Gil Braz
Está de papo p'ra riba.

§

Segundo corre pelas buccas dos gran-
des, o *Ladislão* e o *Paiviculo* estão expe-
rando os seus despachos de juiz de direito:
o primeiro de S. João do Principe, e o
segundo talvez da Boixa da Egua.

Quanto a nomeação do *Ladislão*, ha
quem diga que — pôde ser; — porém quan-
to a do *Paiviculo* — está podre: traba-
lhou fiado.

Se isto assim succeder — que fiasco
badejo fez o juiz de direito em brochura!

Seo-juiz anda em brochura,

Puxe bem pelo *bestinha*,

Da contraindo você zuzza

Forquilha sem *badejinha*!

E á pé de gallo.

§

Quarta feira (15.), dia de N. S. da
Assumpção houve um grande *bota-fôra*
no Quartel do 11.º Batalhão de Infantaria.
Sahio *poeira* velha e o *lundú* teve o
lugar de honra.

A branca folgo á pé espalhado; e o
badejo andou de braço com ella.

Houve samba e samba grosso,

O *badejo* se molhou,

Até o mestre — Tarugo

Tambem a cara arrochou.

§

Meas parabens, Sr. José Francisco dos
Santos!

Pagou as suas assignaturas atrasadas —
está nesse omigo.

Assim é que procedem as pessoas de
bem, ou quem não é *caloteiro* ou *flante*

de jornal!

Sim, Sr., seu José dos Santos.
Você é um bodejão!
Pela acção que praticou
Dê-me um aperto de mão.

§

Sr. C. O. — não queira abusar da bondade do Theotônio, do contrario tem que arrepender-se, porque elle não é seu pai para dar-lhe *Meirinho* — grates.

Depois não diga:

Esta gente do *Meirinho*
É de raça *brabazinha*;
Desgraçaram-me o *collete*
Rompem-me a *camizinha*.

§

Seo Claudio, dos *bonds*, porque não veio trazer os cobres das assignaturas, que se archa a dever?

Isto não é procedimento de gente, que se preza.

Quaes! . Isto é molecagem, é filanca, é gauderismo!

Seo Claudio, cara de *fona*,
Seo cara de *nó de peia*,
Faça tudo o que quizer,
Mas não pratique acção feia.

§

Vae caminhando cynica e desbriada mente a propaganda do Sr. *Lacy*, o moderno discipulo de *Belial*.

Porém ella só tem achado apoio entre meta duros de biocios ou ignorantes.

Felizmente. E a prova está nas *Corumbas*, *Souza Mellado*, *pardavasco Severiano* e outras animalidades de igual *pota*.

A doutrina do *Lacy*,
No vulto que vae tomando,
Tem feito muito *progresso*!
— Progrida — retrogradando! —

§

O Albino, enviado do *Lacy*, depois da *surriada* que soffreu lá em *Baturité*, diz — que nunca mais bodes ao Céu. —

Já, mestre *Capão*?! Muita *cedo ripunou* a missão de que foi enviada!

Ah! gente boa, só é a de *Baturité*!!
Se a d'aqui fizesse como ella — já os nossos *lacys* haviam mudado de rumo, e não andavam quebrando e queimando *Imagens de Santos*!

Está dito.

Povinho da Fortaleza,

Por vida de S. José,
Imitas um dia ao menos
Ao povo de *Baturité*.

§

Vou concluir, leitores; e vou fazer o muito contente, pois sei que d'esta vez vamos ter *homem em casa*.

Entenderam? Eu me explico: — vem chi no *Bahia* o nosso governador.

Que seja menos ruim do que os que temos tido — é o que basta. *Amem*.

O *Rispa*.

GALERIA DO POVO.

MOTTE.

Fui p'ra *Ronche* à pé de gallo,
Voltei à pé *espalhado*;
Quem me quer bem é feliz,
Quem quer mal — está *damnado*.

GLOZA.

A convite do *Gonzalo*,
Morador na *Morejana*,
N'um dia d'esta semana —
— Fui p'ra *Ronche* à pé de gallo,
Por não achar um cavallo
Fui n'um burrinho *safado*
Tão ruim e *estrupeado*
Capaz de matar um *Sinto*...
Passei lá um dia o tanto
— Voltei à pé *espalhado*.

Passei lá, como se diz,
Uma vidoca de *flôres*;
Encontrei lá meus *amôres*.
— Quem me quer bem é feliz!
Mil *traquinadas* lá fiz,
Mesmo de pé *espalhado*!
Chanfrei-me, e fiquei *chanfrado*,
Mas só dizendo orgulhozo:
Quem me quer bem é *ditozo*
— Quem quer mal — está *damnado*!

9 — 8 — 83.

O *Dezazado*.

†

OUTRO.

Quanto *namoro safado*!
Quanta gente sem *vergonha*!

GLOZA.

Estou mesmo *esbodegado*,
Mas vou *glozar* este *Motte*...
Desde a *Praia* até o *Garrote*
— Quanto *namoro safado*!

Oh! povinho *desbriado!*
Oh! *fuçinhos de pamonha!*
Até a prima *Polonha*
Tambem uza da *porqueira!*
Do Curral até a *Feira* —
— Quanta gente sem vergonha

Idem.

†

OUTRO.

Nas *narinas do Arraz*
Vi o *Piolho* — dormindo.

GLOZA.

Contou-me o *Xico Thomaz*,
Doutor em bistiologia,
Que vio dormindo uma *gia*
— Nas *narinas do Arraz*.
Como isso mal não faz
Vou dizer mesmo sorrindo —
Que ao vir a *aurora surgindo*
Lá das *nuvens por detraz*
Nas *locas do Aguaraz*
— Vi o *Piolho* — dormindo!

12 — 8 — 83.

Fra Diavelo.

†

NÃO GOSTO... E GOSTO...

— Não gosto, já tenho dito,
Do assignante — *estradreiro*,
Que quer lêr sempre o *Meirinho*;
Porém sem gostar *dinheiro*.

Um *cujo* que assim pratica,
Só *mandado p'ra o Inferno!*
Já pedi ao *Theotonio*
P'ra riscar o do *caderno*.

— Gosto, porém, do *Hermino*,
Que não assigna *jornal*;
Mais porém — se assignasse
Era *typo* — *incalossal!*

Gosto d'elle, e muito *gosto*,
Gosto mesmo, e faço *aposta*;
E *embirro* com o *Curinga*
Só porque d'elle não *gosta*.

— Não gosto de *namorado*,
Que tem a *modinha* sua —
De viver beijando a *bella*
Mesmo na *porta da rua*.

Não gosto, *charos leitores!*
Não *gosto!*.. Fico *damnado!*
Quem assim faz ou pratica
É *multinho* — *descarado!*

— Gosto muito do *Furtado*,
Sujeitinho — *brincalhão*,
Porque é *typo badejo*
Em *ponto de amollação*.

Quem não conhecer, *leitores*,
O tal *marreco Furtado* —
É capaz té de *comel-o*
Por *solteiro* e não — *cazado*.

— Não gosto de *seo Lacance*
Por ser tão *economista*
Que chega a *comprar cavallo*
Cujo *preço* nos *contrista!*

Só queria qu'esse *meco*
Me dissesse — *sem abello*;
Para que a *via ferrea*
Necessita d'um *cavalle...*

— Gosto de *seo Tito Rocha*,
Gosto de *seo Rocha Tito*,
E por d'elle *gostar* muito
Grito mais do que *p'riquito*.

Por gostar muito do *Tito*
Vou fazer d'elle um *abbaço!*
Este *Tito* inda *termina*
Ou *feito soldado* ou *frade*.

— Não gosto do *Messiano*,
Vizinho do -- *Bernardinho*;
Não *gosto* — por elle ser —
Carcamano muito *frão*.

Não *gosto!* digo e *repito*...
Não *gosto!* não é *pilheria*...
Não *gosto*, pois este *bixo*
É mesmo — *marca miseria!*

— Gosto muito do *Pompilio*,
Aquelle *cara de mon*,
Porque este *rapazinho*
É *feianção*, mas é *hom*.

Houve aqui um certo tempo
Qu'eu d'elle não *gostava*;
Foi quando o *mestre Libera*
Come *feito* — lhe *chamava*.

— Não gosto de *moça pobre*,
Que só vive no *chin/rim*;
E que por — *variação* —
S'enterra no *lapoim*.

Porque succede (isto é *velho*)
Perder o *pudor e peijo*,
E... no final do *pagode*
Dar *desfructe* de *sobeijo!*